

CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE REVELAM SOBRE OS TIPOS DE LETRAS ENSINADOS NA ESCOLA (1930-1970)¹

Alessandra Amaral Da Silveira

Resumo: Neste trabalho será apresentado o estudo realizado com vinte e oito cadernos de alunos em fase de alfabetização, das décadas de 1930 a 1970 e tem como objetivo discutir o ensino dos tipos de letras registrados nos cadernos articulando com questões de ordem política e pedagógica que podem ter influenciado os tipos de letras da época. O referido estudo utiliza um acervo denominado “cadernos de alunos em fase de alfabetização” com aproximadamente 499 cadernos, que datam do período de 1930 até os dias atuais. Neste texto a análise foca em vinte e oito cadernos, possibilitando até o momento a elaboração de duas periodizações levando em consideração os tipos de letras ensinados na escola, que são: 1) 1930 a 1950 – marcado pelo predomínio da letra tipo cursiva e por embates entre determinados modelos caligráficos de escrita; 2) 1960 a 1970 – ensino da letra do tipo *script* (imprensa), incentivado principalmente pelo advento da tecnologia da época, a máquina de escrever. No entanto, esses movimentos não foram sucessivos e lineares, ou seja, não significa que um deu lugar ao outro, muitas vezes são concomitantes e são sempre cercados por disputas para alcançarem a hegemonia na escola.

Palavras-chave: Alfabetização, Cadernos de Aluno, Tipo de Letras, cursiva, *script*

1. Introdução

Neste texto, tenho como objetivo discutir o ensino dos tipos de letras registrados em cadernos dos alunos dos anos de 1930 a 1970. A análise será articulada com questões de ordem política e pedagógica que podem ter influenciado o ensino de determinados tipos de letras na escola. Sendo assim, a pesquisa que proponho tem a intenção de contribuir com as discussões acerca da História da Educação, especialmente no campo da História da Alfabetização.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizo um acervo de um grupo de pesquisa que possui, atualmente, cinco importantes coleções para estudos e pesquisas: 1) de cartilhas e livros de alfabetização, nacionais e estrangeiros do século XIX aos dias atuais; 2) de livros didáticos elaborados por autoras gaúchas entre os anos de 1940 e 1980; 3) cadernos de alunos em fase de alfabetização do período de 1930 até a atualidade, bem como cadernos de outras

¹ Este trabalho faz parte de uma tese de doutorado, que teve início em março de 2015, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação. Tem como objetivo principal verificar e analisar em um conjunto de acervo de cadernos de alunos, dos anos de 1930 a 2015, um período de 85 anos, quais tipos de letras foram ensinadas no processo de alfabetização e quais as possíveis justificativas para permanências e mudanças nesse ensino

séries e disciplinas (década de 1950 até hoje); 4) de cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras, dos anos de 1960 aos dias atuais; 5) de materiais didáticos pedagógicos diversos (mobiliários, utensílios e materiais utilizados no ambiente escolar).

Diante disso, destaco que a fonte principal estão no acervo denominado “cadernos de alunos em fase de alfabetização”. Esse acervo é composto atualmente por 499 cadernos de diferentes localidades do estado do Rio Grande do Sul. Para o caso deste trabalho serão analisados apenas vinte e oito cadernos que cobrem as décadas de 1930 a 1970, primeira etapa da investigação.

Discutir sobre o ensino dos diferentes tipos de letras no período de alfabetização é uma temática de meu interesse principalmente por ter constituído uma problemática que fez parte do fazer pedagógico durante o período que estive na sala de aula. Sou professora da rede municipal do Rio Grande desde 2010 e durante quatro anos fui professora alfabetizadora em turmas de 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental², momento em que há a necessidade de “apresentar e/ou introduzir” outros tipos de letras às práticas dos alunos, recomendação que vinha da Secretaria Municipal de Educação SMEd, na proposta curricular do 2º ano. Percebia que o processo de transição entre as letras (de “fôrma” para cursiva) era muito complexo para alguns alunos.

Assim, a partir do contato com o acervo de “cadernos de alunos em fase de alfabetização” de um grupo de pesquisa ligado a um Programa de Pós-graduação em Educação pude perceber que nem sempre foi assim, que houve momentos na história da educação em que diferentes tipos de letras foram ensinados às crianças nas escolas gaúchas. Essa constatação, aparentemente simples, me fez optar pelos cadernos escolares como fontes e objetos de investigação no intuito de entender como foi se constituindo, ao longo de 85 anos que o acervo permite acompanhar (desde 1930 até os dias atuais), a inserção dos alunos em fase de alfabetização no universo da escrita, que supõe a aprendizagem de uma cultura gráfica (PETRUCCI, 1986; HÉBRARD, 2000; CHARTIER, 2002), que além de estabelecer o traçado de diferentes letras pressupõe a apropriação de posturas corporais, motoras e, conseqüentemente, disciplinares; ou seja, aprender a ler e a escrever, aprender um ou outro tipo de letra, em momentos históricos distintos, produz também modos de ser aluno.

Parte dessa pesquisa é aqui apresentada. Para isso, este texto foi organizado da seguinte forma: na primeira parte justifico os estudos com os cadernos escolares, pois os mesmos vêm se consolidando como fonte e objeto nas pesquisas acadêmicas. Na segunda

² Desde o começo do ano letivo de 2015 estou como Coordenadora Pedagógica na mesma escola em que atuei como professora alfabetizadora.

parte apresento o acervo onde estão localizados os cadernos que compõem este estudo, também as definições que foram realizadas para construir o *corpus* de pesquisa e alguns procedimentos metodológicos. A terceira e última parte, discorro sobre a elaboração de um banco de dados e as considerações parciais sobre os tipos de letras encontrado nos cadernos de aluno em fase de alfabetização.

2. O estudo com cadernos de alunos

Justifico a pesquisa nos cadernos escolares, pois com eles é possível ampliar e entender aspectos importantes do cotidiano da escola e das práticas de ensino. Conforme Lopes e Galvão (2001, p. 81)

[...] a idéia de que a História se faz a partir de qualquer vestígio deixado pelas sociedades passadas e que em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais: é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através da legislação ou de relatórios escritos por autoridades do ensino.

As autoras também problematizam que durante algum tempo se fez história política da educação, pois só eram reconhecidos enquanto fonte as legislações, os relatórios etc. Os cadernos e outros artefatos escolares ajudam a compor diferentes histórias sobre e da instituição escolar, no entanto, “documento nenhum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu” (BACELLAR, 2010, p.63).

Destaco que este estudo supõe uma prática historiográfica (DE CERTEAU, 1982) que se caracteriza por construir e atribuir sentido a um determinado acontecimento ou artefato, o qual sendo visto fora da sua conjuntura não apresentaria uma informação relevante, pois necessita estar relacionado com o seu contexto.

A pesquisa está, também, inserida no campo da História da Alfabetização, que vem se consolidando nos últimos anos, principalmente com as pesquisas de Mortatti (2000, 2012, 2014), Maciel (2001, 2006, 2010), Trindade (2001, 2012); Amâncio (2000); Amâncio e Cardoso (2010, 2012), Peres (2003, 2006, 2012, 2014), Frade (2006, 2010, 2012, 2014), Gontijo e Schwartz (2012), Goulart (2012). Esses estudos têm contribuído sobremaneira para pensar as especificidades da historicidade da alfabetização. Nessa direção, Peres e Lapuente destacam que:

A história da alfabetização tem se constituído um importante campo de pesquisa no Brasil nos últimos anos, enfatizando, entre outras temáticas, métodos e processos de ensino da leitura e da escrita, materiais de alfabetização, com destaque para as cartilhas escolares, história e trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras etc. (2009, p. 141)

Também se pode contribuir com a História da Alfabetização a partir dos cadernos dos alunos. É com essa intenção que investigo os cadernos para que num futuro cruzamento com outras fontes possa verificar se havia ou não a apropriação de determinadas sugestões vindas dos *experts*³ da educação, como por exemplo, Manuais Pedagógicos, Revista do Ensino, Boletins do CPOE⁴, cartilhas escolares etc. focando, especificamente, na temática desta pesquisa, ou seja, o ensino das letras nas classes de alfabetização.

Este estudo está inserido no campo mais amplo da História da Educação, a qual compreende que “o passado nunca será plenamente conhecido ou compreendido, no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 77).

Conforme Lopes e Galvão (2001), no Brasil, a partir de 1980, acompanhando uma discussão e tendência mundial, há um “alargamento” de fontes e objetos de pesquisa que se refletiu na historiografia educacional. Considera-se e inclui-se no campo da pesquisa científica uma diversidade de fontes que não são apenas as tidas como oficiais. É devido a esse movimento que é possível propor uma pesquisa que considere os cadernos escolares como fonte documental de pesquisa. Fazer isso é também reconhecer que a história “se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 80). Sendo assim, os cadernos podem dar indícios sobre aspectos para além daqueles possíveis de serem apreendidos nos documentos oficiais, pois apesar de não registrarem tudo o que acontece no cotidiano escolar, neles há peculiaridades e indícios para compreendermos as rotinas, o currículo, o conhecimento proposto, as avaliações, os métodos e, ainda, traços das relações estabelecidas na sala de aula.

Cabe destacar que, ao organizar os cadernos dos alunos em fase de alfabetização, foi preciso ter o cuidado de entender que ao longo destes anos, de 1930 até a atualidade, algumas mudanças políticas e pedagógicas ocorreram e, assim, o conceito e a prática da alfabetização também se modificaram fazendo com que o acervo passasse por mudanças, ampliando a coleta e a guarda de cadernos para além da 1ª série/ano de escolaridade.

3. O acervo de pesquisa

³O *expert* é uma definição apresentada por Foucault (2008) sobre o intelectual específico o especialista, aquele que sabe exatamente do que um determinado sujeito precisa e “ensina” o que é ou não verdadeiro.

⁴Órgão ligado à Secretaria de Educação do Estado do RGS, criado em 1943. Emerge no contexto de renovação educacional e de ampliação da escolarização nesse Estado (MONTEIRO, 2012).

(...) Lugares da memória, espaço destinado para guardar ou reinventar os traços deixados pelo passado (MENESES, 1999, p.15).

Considerando que o interesse primeiro de investigação do grupo de pesquisa é a História da Alfabetização, coletou-se, inicialmente, cadernos de pré-escola e 1º ano/1ª série, uma vez que até o começo do século XX era esse o momento especificamente destinado ao ensino e à aprendizagem sistemáticos da leitura e da escrita. Contudo, com a ampliação, em 2006 (Lei nº 11.274), do Ensino Fundamental de oito para nove anos⁵, passou-se a coletar cadernos de 2º ano, uma vez que essa política trouxe consigo também uma ampliação do próprio conceito de alfabetização, para além da 1ª série/ano, na formulação de um “ciclo de alfabetização” que incluísse pelo menos, naquele momento, os dois primeiros anos de escolarização.

Com a proposição do PNAIC⁶ (Portaria nº 867/2012) começou-se, no grupo de pesquisa, a recolher também cadernos de crianças do 3º ano, uma vez que tal política adota, explicitamente, o ciclo de alfabetização como sendo os três anos da escolarização inicial. Tal decisão e redefinição não foi uma tarefa fácil e rápida, pois supôs a reorganização física e virtual do acervo em questão para dar conta das implementações políticas e pedagógicas do país e acompanhar as redefinições do que é alfabetização no país.

Ao apresentar essas políticas de âmbito Nacional procuro demonstrar que na medida em que se redefiniu, nas políticas e nas pedagogias, o tempo do ensino e da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, este acervo também se redefiniu. Assim, caracterizo o *corpus* para análise, no caso desse estudo, como sendo o acervo dos cadernos de alfabetização datados de 1930 até 2015 (momento em que defini como marco final da pesquisa, uma vez que ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação no começo de 2015). Friso que cadernos de alfabetização no referido acervo pesquisa é: até 2006, Pré-escola (uma vez que já havia sistematização da leitura e da escrita nesse período) e 1ª série/ano; entre 2006 e 2013, estão incluídos os cadernos do 2º ano; 2013 em diante, são incluídos também os de 3º ano.

Compreendo o caderno como um artefato escolar que guarda alguns dos registros da sala de aula, porém outros escapam, mas mesmo assim é uma fonte/objeto “fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade” (ANNE

⁵ Lei que altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

⁶ Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Define que todas as crianças devem ser alfabetizadas, no máximo, até os oito anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização, ou seja, houve a expansão do período escolar previsto para a alfabetização para três anos (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental).

M. CHARTIER, 2007, p. 23). Por compor o cotidiano escolar de forma trivial e por serem, na grande maioria, descartados ao final do ano letivo ou quando as folhas para a escrita se esgotam, os cadernos, por um longo período, passaram despercebidos pelos pesquisadores.

Conforme Mignot (2008, p. 07), “estamos tão acostumados com os cadernos escolares que não nos damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação”. Com a intenção de romper com essa lógica, o grupo de pesquisa tem feito um grande esforço para que o acervo de cadernos continue crescendo, atualmente, como já afirmei, há 499 cadernos de alunos em fase de alfabetização.

Para facilitar o processo de arquivamento e posterior investigação, todo caderno que chega ao acervo passa por um procedimento metodológico específico para o desenvolvimento de sua classificação: primeiro higienizado para ser guardado; segundo, é catalogado em uma organização por década e, em cada década, pelos anos disponíveis. Trata-se, assim, de um esforço de preservação da memória educacional e da disponibilização de fontes a futuros pesquisadores.

A seguir apresento todos os 499 cadernos de alfabetização de alunos disponíveis por décadas e que estão sendo consultados para realização da pesquisa.

Tabela 1: Cadernos em fase de alfabetização considerando as décadas

Cadernos por década	
Década	Número de Cadernos
1930	02
1940	03
1950	04
1960	10
1970	10
1980	21
1990	99
2000	167
2010	170
Sem Identificação ⁷	13
TOTAL	499

Fonte: Grupo de pesquisa

Nessa tabela, que foi atualizada em março de 2016, é possível perceber a quantidade

⁷Recebem esta denominação por não apresentarem a data em que foi utilizado ou ainda o ano/série de escolarização, mas é possível identificar atividades relacionadas ao processo inicial de escolarização, alfabetização.

de cadernos por década e que a maior concentração se dá a partir dos anos 2000. Isso pode se justificar pela citada “naturalização” do caderno no contexto escolar tornando-se um artefato quase invisível e por isso, na maioria das vezes, é descartado ao final do ano letivo. Assim, quando mais longínquo o período mais difícil a preservação desse artefato escolar.

Viñao (2008, p. 17) salienta que os cadernos escolares, “constituem uma fonte valiosa na hora de conhecer e analisar de um modo bastante confiável tanto os processos de implantação e difusão mencionados como os de hibridação, adaptação, rechaço ou de aceitação que costumam acompanhá-los”. Sendo assim, neles há indícios que nos ajudam a entender a produção, a modificação ou a permanência de determinadas práticas didáticas as políticas ou as pedagogias vigentes, em diferentes épocas. Ou ainda, nas palavras do autor espanhol, “o caderno é um produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares” (VIÑAO, 2008, p. 22).

Para este trabalho o *corpus* de análise são os vinte oito cadernos das décadas 1930 a 1970, de diferentes localidades do estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 2: Cadernos que irão compor o *corpus* deste estudo⁸.

Década	Ano	Localidades	Rede	Gênero	Número de Cadernos
1930	1937	São Domingos Morro Redondo	Comunitária Igreja	F	02
	1938	São Domingos Morro Redondo	Comunitária Igreja	F	
1940	1940	Açoita Cavallo Morro Redondo	Pública (Municipal)	F	03
	1943	--	Escola não localizada	M	
	1949	Livramento	Alfabetização Doméstica	M	
1950	1952	Rio Grande	Privada	F	03
	1952	Rio Grande	Privada	F	
	1958	Três de Maio	Cooperativa	F	
	1960	Três de Maio	Cooperativa	M	
	1965	Rio Grande	Privada	F	
	1965	Rio Grande	Privada	F	
	1966	Canoas	Não consta o nome da	F	

⁸ O sombreamento em cinza na tabela é para destacar os cadernos que são conjunto, ou seja, que pertencem a uma mesma criança.

1960			escola		10
	1966	Rio Grande	Privada	M	
	1968	Novo Hamburgo	Privada	F	
	1968	Novo Hamburgo	Privada	F	
	1968	Novo Hamburgo	Privada	F	
	1968	Novo Hamburgo	Privada	F	
	1968	Morro Redondo	Pública (Municipal)	M	
1970	1970		Pública (Municipal)	F	10
	1970		Pública (Municipal)	F	
	1973	Capela de Buena Morro Redondo	Pública (Municipal)	M	
	1973	Capela de Buena Morro Redondo	Pública (Municipal)	M	
	1974	Pelotas	Pública (Estadual)	F	
	1974	Pelotas	Pública (Estadual)	F	
	1975	Porto Alegre	Privada	M	
	1977	Bagé	Pública (Estadual)	F	
	1979	Pinheiro Machado	Não consta o nome da escola	M	
	1979	Pinheiro Machado	Não consta o nome da escola	M	
TOTAL					28

Fonte: Autora

A partir da tabela é necessário fazer algumas considerações. Ao total são vinte e oito cadernos de dezotitos crianças em fase de alfabetização, dez são cadernos avulsos, sendo quarto do gênero feminino (F) e seis do gênero masculino (M). O restante compõe oito diferentes conjuntos, seis conjuntos de diferentes alunas e dois são conjuntos de alunos. Diante disso, os cadernos que constam neste corpus são de dez meninas e de oito meninos de localidades diferentes do estado do Rio Grande do Sul.

De todos os cadernos foi possível localizar até o momento, a rede ou órgão

C1 1936	C1 1949	C1 1958
---------	---------	---------

Fonte: Banco de dados pesquisadora

No período de 1930 a 1950, as questões pedagógicas da escrita estavam ligadas aos modelos caligráficos. Inicialmente houve um forte embate entre dois modelos caligráficos (VIDAL e ESTEVES, 2003), os denominados *inclinado* e *vertical*. Os defensores do primeiro o consideravam o mais adequado para o trabalho comercial, devido à velocidade, ou seja, quando mais inclinada a letra mais rápida seria a escrita. Já os defensores da caligrafia vertical alegavam que “o desenho das letras ficava mais fácil, uniforme e mais legível”. Ou ainda, um “tipo de letra, que vulgarmente se chama letra em pé, além de fácil, é rápido, econômico e higiênico” (FARIA FILHO, 1998, p. 138).

De acordo com Fetter (2011), no Brasil essa *letra direita* foi introduzida por meados dos anos de 1920 e permaneceu por um longo período na escola durante o século XX, sendo considerada como uma das mais importantes e recorrentes na fase inicial da escolarização. Além disso, consideravam-no um modelo higiênico, “posto que afirmavam que a postura corporal indicada por esse modelo evitava deformidades físicas” (VIDAL; ESTEVES, 2003, p. 121). Era a defesa da famosa trilogia da época “posição direita, caderno direita, escrita direita” (idem, p. 120).

Após isso, ou paralelamente, nos anos de 1930 -1960, a professora Ormindia Marques⁹, desenvolve uma experiência na escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) e com isso outro modelo de escrita ganhou espaço no cenário educacional brasileiro, a denominada *caligrafia muscular*. Tal modelo consistia na “caligrafia baseada nos movimentos ritmados do antebraço; letra inclinada e sem talhe” deixando a mão mais livre para a escrita (MARQUESapud MONTEIRO¹⁰, 2011, p. 14).

Os modelos de caligrafia vertical, inclinado e muscular supunha um tipo de letra (sempre cursiva, mas com “formato” diferente). Destaco ainda, que entre os modelos

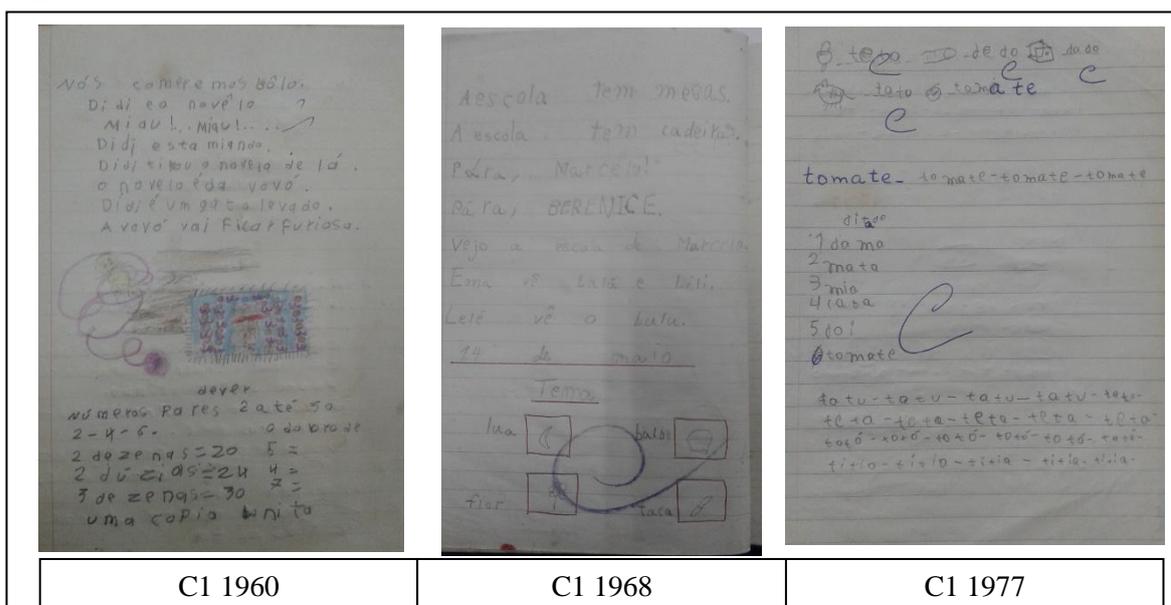
⁹ Educadora responsável por um trabalho de experimentação sobre o ensino da escrita na escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), sob a orientação do professor Lourenço Filho diretor do Ensino Normal desta mesma instituição.

¹⁰ Monteiro (2012) na sua dissertação de mestrado, defendida no PPG em Educação/UFRGS apresenta a repercussão das obras de Ormindia Marques no Rio Grande do Sul, para isso analisa as Revistas do Ensino (RS) e os comunicados do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS).

inclinado e muscular a diferença é mínima, pois o que as distinguiria seria a técnica corporal do sujeito que escreve.

Segunda periodização: décadas de 1960 e 1970, os cadernos (vinte no total) revelam um maior predomínio da letra tipo *script*, dos vinte cadernos oito apresentam a letra do tipo cursiva.

Figuras 2:



Fonte: Banco de dados pesquisadora

Já na década de 1940, “as escolas brasileiras passam a introduzir o ensino da letra *script*, a partir das orientações de Norberto de Souza Pinto¹¹” (PFROMM NETO *apud* STEPHANOU; BASTOS, 2012, p.120). No Rio Grande do Sul, segundo Peres (2003), um dos argumentos em defesa da letra *scripta* pelo fato de tentar imitar a letra tipográfica (caracteres da máquina de escrever). Nesse caso, “a orientação para o uso da letra *script* nesse período baseava-se naquilo que eram consideradas suas vantagens: legibilidade, nitidez, facilidade de aprendizagem, semelhança com a letra de imprensa, simplicidade e beleza” (PERES, 2003, p.87).

A Revista do Ensino¹² do Rio Grande do Sul, de 1969, publicou o artigo intitulado “A escrita na escola primária”, de autoria de Doris Ramos de Mota, Vera Paes Leite e Neusa Junqueira Armellini, todas professoras do Curso Primário de Aplicação da Escola Anexa de Porto Alegre/RS. No texto elas relatam suas experiências na sala de aula, com os alunos em

¹¹ “Autor campineiro, que foi pioneiro em Campinas e no Estado de São Paulo em 1917, na educação de crianças então chamadas de *anormais*, tentando também apreender que interesses e ideologias estavam implícitas na sua concepção de escola” (PETTIROSSI; LOMBARDI, 1997, p.127).

¹² Para mais informações Bastos (2005).

fase de alfabetização e justificam o uso da *script*. A seguir apresento parte do artigo da Revista do Ensino/RS¹³

“ **IV O Por que da realização do nosso trabalho** - Nossos alunos iniciam sua aprendizagem de escrita, utilizando-se da **letra script**. Justifica tal posição o fato da aprendizagem da “script” reduzir o esforço físico da criança, porque não apresenta os complexos movimentos e ligações da cursiva” (REVISTA DO ENSINO, nº 123, 1969, p.16)

Nesse excerto fica evidente o investimento na utilização da letra *script* nas classes de alfabetização justificando-se pelo menor esforço na execução do traçado de mãos ainda não tão habilidosas. No entanto, a partir da década de 1970 esse tipo de letra cai no desuso.

Sendo assim afirmo que houve mudanças de perspectivas e paradigmas no ensino do tipo das letras no Brasil, passando por discussões de ordem mais motora e técnica baseada, principalmente nas concepções higienistas (VIDAL, 1998) ou, ainda, pelo advento das tecnologias como, por exemplo, com a expansão do uso da máquina de escrever, anos de 1950 no Rio Grande do Sul, segundo Peres (2003).

Esses diferentes momentos, tomados aqui apenas como exemplos, tiveram profissionais que defenderam e justificaram o tipo mais adequado de letra a ser ensinado às crianças, a ser usado no processo de alfabetização, desde os modelos caligráficos (cursiva), ao uso da *script*(imprensa). No entanto, esses movimentos não foram sucessivos e lineares, ou seja, não significa que um deu lugar ao outro linearmente, muitas vezes são concomitantes e são sempre cercados por disputas pedagógicas e políticas para alcançarem a hegemonia na escola.

No entanto, este movimento que faço é para mostrar que os cadernos dos alunos vêm ao encontro das questões pedagógicas e políticas de determinada época, ou seja, eles confirmam o que outras fontes, que circulam em outros espaços para além da escola, como por exemplo a revista do ensino, apresentam como o recomendado, o ideal para o ensino das letras nas classes de alfabetização.

4. Referências

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de leitura na escola primária no Mato Grosso**: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 2000.

CARDOSO, Cancionila; AMÂNCIO, Lázara. Barros. A história da alfabetização em Mato Grosso: um balanço dos trabalhos do Grupo de pesquisa ALFALE. In: Cleonara Maria

Schwartz; Eliane Peres; Isabel Cristina Alves da Silva Frade. (Org.). **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola**. Vitória: EDUFES, 2010.

_____. História da Alfabetização em Mato Grosso: a contribuição dos 'diários de classe' como fonte documental (reedição). In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2ed. Marília: Editora da UNESP, 2012.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (org). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2010.

BRASIL. PORTARIA Nº 867, DE 4 DE JULHO DE 2012. Institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. PNAIC, 2012.

CHARTIER, Anne Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. **Práticas de leitura e escrita. História e atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

CHARTIER, Roger. **Desafios da Escrita**. São Paulo, ed: UNESP, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A Operação Historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Cultura e Prática Escolares: escrita, aluno e corporeidade**. In: Caderno de Pesquisa, n.103, março de 1998.

FETTER, Sandro. **Modelos caligráficos na Escola Brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Org.). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG,RS,MT, séculos XIX e XX)**. 1ed. Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006.

_____. Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, Estado, editoras, usuários e sobre o método de palavras em Minas Gerais, no início do século XX. 2010. In: Cleonara Schwartz, Eliane Peres, Isabel Frade (Org.). **Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola**. Vitória ES ed: EDUFES, 2010.

_____. História da alfabetização e da cultura escrita: discutindo uma trajetória de pesquisa. In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2ed. Marília: Editora da UNESP, 2012.

_____. Autores e autoras de livros em Minas Gerais: entre Estado, edição e métodos para o ensino inicial da leitura e da escrita. In: Maria do Rosário Longo Mortatti; Isabel Cristina Alves da Silva Frade. (Org.). **História do Ensino de Leitura e Escrita**. Métodos e Material Didático. 1ed. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Estudos sobre a história da alfabetização e do ensino da leitura no Espírito Santo. In: Maria do Rosário Longo

Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2ed.Marília: Editora da UNESP, 2012.

GOULART, Cecília Maria. Aspectos da história da alfabetização na rede escolar municipal de Niterói/RJ: problematizando questões teórico-metodológico. In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2ed.Marília: Editora da UNESP, 2012.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). **Refúgios do eu**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

_____. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

LOPES, Eliane; GALVÃO, Ana Maria. **História e História da Educação**. Rio de Janeiro, D P e A, 2001.

MACIEL, Francisca Izabel. **Lucia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2001.

_____.In: Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Francisca Izabel Pereira Maciel. (Org.). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG, RS, MT, séculos XIX e XX)**. 1ed.Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006.

MACIEL, Francisca Izabel, ROCHA, Fernanda. A criação dos Grupos Escolares e o mito do sucesso do ensino primário em quatro anos (1907-1916). In: Cleonara Schwartz, Eliane Peres, Isabel Frade (Org.). **Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola**. Vitória ES ed: EDUFES, 2010.

MENESES, Ulpiano Bezerra. A crise da memória e documento: reflexões para um tempo de transformações. IN: SILVA, Zeila Lopes da (org). **Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas**. 3 ed. São Paulo, Unesp, 1999.

MIGNOT, Ana Chrystina. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana ChrystinaMignot (org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Caroline. **A escrita na escola primária: repercussões da obra de Orminda/ Marques nas décadas de 30 a 60 do século XX**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**, 2000.

_____. (org.). **Alfabetização no Brasil uma história da sua história**. 2ª ed. São Paulo: Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário; FRADE Isabel Cristina Aves da Silva (Org.). **História do Ensino de Leitura e Escrita**. Métodos e Material Didático. 1 ed. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.

_____. Desenvolvimento do projeto de pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Francisca Izabel Pereira Maciel. (Org.). **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG, RS, MT, séculos XIX e XX). 1ed.Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006.

_____. A produção sobre a história da alfabetização no Rio Grande do Sul: as contribuições do grupo de pesquisa HISALES (FAE/UFPEL). In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil**: uma história de sua história. 2ed.Marília: Editora da UNESP, 2012.

_____. Influências do Pensamento Norte-Americano na Produção de Cartilhas para o Ensino da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Sul na Década de 1960. In: Maria do Rosário Longo Mortatti; Isabel Cristina Aves da Silva Frade. (Org.). **História do Ensino de Leitura e Escrita**. Métodos e Material Didático. 1ed.Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014.

PERES, Eliane; LAPUENTE, Janaina. História da alfabetização: a constituição de um campo de pesquisa. In: MOLON, Susana Inês; DIAS, Cleuza Maria Sobral. (Org.). **Alfabetização e Educação Ambiental**: contextos e sujeitos em questão. 1ed.Rio Grande: Editora da FURG, 2009

PETRUCCI, Armando. **La Scrittura**. Ideologia e Rappresentazione. Turin: Einaudi, 1986.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memória, artefato e gestos da caligrafia na história da educação. In: Gláucia Maria Costa Trinchão (org). **Do desenho das belas letras à livre expressão no desenho da escrita**. Salvador: EDUFRA, 2012.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas**: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Caminhos e descaminhos na área da alfabetização. In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **Alfabetização no Brasil**: uma história de sua história. 2ed.Marília: Editora da UNESP, 2012.

VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia a escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. In: **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, USP v.24, n.1, jan./jun. 1998.

VIDAL, Diana; ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos caligráficos recorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária Paulista (1910-1940). In: PERES, E.,

TAMBARA, E. (org). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina (org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.